

Pesquisar é preciso: desafios para uma educação crítica em tempos de crise ética e social

Sérgio Trombetta¹, Jaime José Zitkoski², Valter Marciano dos Santos Chereta³

Resumo

A discussão central que apresentamos neste artigo trata do desafio da pesquisa como horizonte político-pedagógico da educação contemporânea. Diante de um contexto social que nos apresenta um mundo em permanente transformação, a educação deve transmitir e oportunizar o acesso cada vez mais amplo aos saberes que potencializam a leitura crítica do mundo em seus diferentes aspectos. Ler e interpretar o contexto, que muda rapidamente, requer um novo perfil na docência e estratégias mobilizadoras dos educandos para se sentirem estimulados no paradigma do *aprender a aprender*, ou seja, aprender a pesquisar. Isso porque aprendemos a vida toda e, nesse desafio, cada vez mais o direito à vida vai se confundir com o direito de aprender. Vida e conhecimento estão implicados mutuamente. A metodologia deste estudo se restringe a uma pesquisa bibliográfica e, entre as principais conclusões, podemos destacar que a perspectiva da pesquisa como paradigma pedagógico requer o redimensionamento da vida e das rotinas escolares, para que todos os sujeitos sejam estimulados e mobilizados à construção de uma sociedade aprendente e comprometida eticamente com o futuro sustentável da vida em nosso planeta, com respeito ao pluralismo cultural e à dignidade da pessoa humana.

Palavras-chave

Educação contemporânea. Paradigma da pesquisa. Aprender a aprender.

¹ Doutorando em Educação na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; professor na Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: sergiotrombetta02@gmail.com.

² Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil; estágio pós-doutoral na Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil; professor associado da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul; vice-coordenador do Grupo de Pesquisa Universidade e Bem Viver e Grupo de Estudos sobre Universidade - Inovação e Pesquisa (GEU/IPesq). E-mail: jaime.jose@ufrgs.br.

³ Especialista em Direitos Humanos e Movimentos Sociais pelo Centro Universitário Internacional, Rio Grande do Sul, Brasil; educador social na Prefeitura Municipal de Campo Bom, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: valterchereta@gmail.com.

Researching is needed: challenges for critical education in times of ethical and social crisis

Sérgio Trombetta⁴, Jaime José Zitkoski⁵, Valter Marciano dos Santos Chereta⁶

Abstract

The central discussion that we now present in this article deals with the challenge of researching with a political-pedagogical perspective of contemporary education. For being in front of a social context that presents us with a world in permanent transformations, education must transmit and provide an increasingly broad access to knowledge that enhances the critical reading of the world in its different aspects. Reading and interpreting the context that changes quickly requires a new profile in teaching and mobilizing strategies for students to feel stimulated in the paradigm of learning to learn and that is, learning to research. Well, we learn during all of our lives and, in this challenge, the right to life will increasingly be confused with the right to learn. Life and knowledge are always mutually implicated. The methodology of this study is restricted to a bibliographic research, and among the main conclusions, we can highlight that the perspective of research as a pedagogical paradigm requires the resizing of life and school routines, where all subjects are stimulated and mobilized for the construction of a society learner and ethically committed to the sustainable future of life on our planet with respect for cultural pluralism and the dignity of the human person.

Keywords

Contemporary education. Research paradigm. Learn how to learn.

⁴ PhD student in Education, Federal University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; professor at the University of Vale do Rio dos Sinos, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: sergiotrombetta02@gmail.com.

⁵ PhD in Education, Federal University of Rio Grande do Sul, State of Rio Grande do Sul, Brazil; postdoctoral internship at the Federal University of Rio de Janeiro, State of Rio de Janeiro, Brazil; associate professor at the Faculty of Education, Federal University of Rio Grande do Sul, Brazil; vice-coordinator of the Research Group University and Well Living and Study Group on University - Innovation and Research (GEU/IPesq). E-mail: jaime.jose@ufrgs.br.

⁶ Specialist in Human Rights and Social Movements, International University Center, State of Rio Grande do Sul, Brazil; social educator at the City Hall of Campo Bom, State of Rio Grande do Sul, Brazil. E-mail: valterchereta@gmail.com.

Introdução

Hoje, cada vez mais, conscientizamo-nos sobre a necessidade de investir na educação e qualificar os ambientes escolares. Apesar de alguns retrocessos circunstanciais e do agravamento das desigualdades no período da pandemia de Covid-19, a sociedade compreende, de forma geral, que esses sejam locais de aprendizagem, construção e reconstrução de conhecimentos pertinentes à realidade de um mundo cada vez mais complexo e desafiador, tanto para educandos, quanto para os educadores, no que se refere à sua compreensão e atuação neste mundo cada vez mais tecnológico. Já é hora de assumirmos, enquanto sociedade (poder político, empresas, organizações não governamentais e a sociedade civil organizada), a defesa da educação como um valor indispensável para o desenvolvimento de uma nova humanidade, que seja capaz de enfrentar os grandes desafios coletivos do século 21.

Diante de um contexto social que nos apresenta um mundo em permanente transformação, a educação deve ser uma ferramenta que auxilie na construção de saberes que potencializem a leitura crítica do mundo em seus diferentes contextos, como nos diz Freire (1996). Compete à educação fornecer recursos adequados para que as pessoas consigam se situar neste mundo complexo e em constante mudança. O desafio é trabalhar a capacidade de interpretação da realidade e das relações culturais para que essas informações se transformem em conhecimentos com pertinência social, compromisso político e ético do cuidado, pois “a leitura do mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1999, p. 14). Nosso projeto político-pedagógico necessita estar centrado em uma educação que vise à competência científica (saber fazer), aliada à solidariedade ética (cuidado com todas as formas de vida e convivência com justiça).

É importante termos a clareza de que a verdadeira educação é aquela que ensina a pensar por conta própria e realizar, em toda plenitude, nossa vocação para o ser mais. A aprendizagem deve ser vista como uma finalidade ao longo de toda nossa vida, visto que “somos seres no mundo, com o mundo, e com os outros, por isso seres de transformação e não de adaptação a ele” (FREIRE, 2013, p. 37). Para viver com dignidade, o ser humano precisa conhecer e compreender a complexidade do meio em que se encontra inserido, por isso, a educação deve ser vista como um tesouro acessível a toda pessoa e que respeite as individualidades dos sujeitos e as relações culturais do local e da comunidade em que ele está inserido.

Apesar dos estudos sem utilidade imediata estarem desaparecendo, tal a importância dada atualmente aos saberes utilitários, a tendência para prolongar a escolaridade e o tempo livre deveria levar os adultos a apreciar, cada vez mais, as alegrias do conhecimento e da pesquisa individual. O aumento dos saberes, que permite compreender melhor o ambiente sob seus diversos aspectos, favorece o despertar da curiosidade intelectual, estimula o sentido crítico e permite compreender o real, mediante aquisição da autonomia na capacidade de discernir. Deste ponto de vista, há que repeti-lo, é essencial que cada criança, esteja onde estiver, possa ter acesso, de forma adequada, às metodologias científicas de modo a tornar-se para toda vida amiga da ciência. (DELORS, 2000, p. 91).

Estudar deve ser muito mais do que o movimento de ir para a escola, mas sim, deve ser um movimento de busca de libertação e de transformação. A escola deve estar a serviço dessa transformação e da desconstrução desse modelo que privilegia as classes mais abastadas da sociedade e a nega aos mais pobres, como se o estudo fosse uma ferramenta de manutenção do *status quo*, sendo privilégio de apenas alguns. Ela precisa, ao contrário, ser uma ferramenta de transformação, inclusão e conscientização, para que todos possam agir e transformar o meio em que vivem.

A sociedade da aprendizagem e os desafios da formação permanente para todos

A educação em um mundo onde tudo muda rapidamente exige – além de conteúdos e metodologias que visem à formação básica (inicial) – que se desenvolva a capacidade de atualização e reciclagem constantes, dentro do desafio pedagógico do aprender a aprender. O desafio é formar pessoas que tenham alegria em aprender e paixão pela descoberta, bem como fazer da busca do conhecimento um projeto de vida aliado ao engajamento sociopolítico. “Necessitamos de uma pedagogia que promova a aprendizagem permanente. A era do conhecimento é também a era da sociedade aprendente: todos/as tornam-se aprendizes” (GADOTTI, 2003, p. 120). Aprendemos a vida toda: enquanto há vida, há aprendizado. Não há tempo próprio para aprender. Cada vez mais, o direito à vida se confunde com o direito de aprender. Vida e conhecimento sempre estão misturados e se completam, dado que o que nos difere dos outros animais é a nossa consciência de mundo. Saber ler, escrever, fazer cálculos e aprender outro idioma é importante, mas o fundamental, no atual contexto, é ser capaz da elaboração e criação de novos conhecimentos, além da capacidade hermenêutica de ler o mundo com seus próprios olhos. “Aprender, de modo reconstrutivo político, será tomado como uma das definições mais essenciais da vida, sinalizando sua estrutura dialética ambivalente, sempre interdisciplinar” (DEMO, 2000, p. 67).

Nessa perspectiva, a formação escolar assume um duplo sentido: assimilação do patrimônio cultural construído pela humanidade – por meio das diferentes ciências, das experiências e das relações – e, por outro lado, a capacidade de pensar crítica e criativamente, além de se manter em estado ininterrupto de atualização, com consciência de que somos pessoas inacabadas e, portanto, jamais estamos constituídos por completo, pois sempre há o que aprender. A escola e os professores não devem se preocupar, exclusivamente, com a transmissão de informações aos alunos de forma vertical, como se o professor tudo soubesse, enquanto o aluno nada acrescenta - o que se conhece como educação bancária (FREIRE, 1983). Em vez disso, é preciso desenvolver a capacidade para extrair um sentido da informação, perceber a diferença entre o que é e o que não é importante e, acima de tudo, combinar os muitos fragmentos de informação em um amplo quadro do mundo, construindo, de forma dialógica entre os educadores e educandos, novos conhecimentos e habilidades para agir e transformar a realidade e o mundo.

Como escreve Savater (2015), o problema, hoje, não é que não saibamos das coisas, mas sim que recebemos uma quantidade imensa de informações, principalmente pela internet. O lado negativo não é recebê-las, mas sim, o contrário: a quantidade delas é tão grande que não conseguimos lidar com tudo ou sequer aprofundar o conhecimento sobre os temas, uma vez que a velocidade em que as mudanças ocorrem é um dado assustador. É preciso um despertar de consciência para que sejamos capazes de discernir o que é relevante e para filtrar o irrelevante, o trivial, o enganoso e as famosas *fake news*. É preciso ter critério e aprender a fazer uma leitura crítica, permanecendo apenas com o que é valioso. O cerne da questão é transformar informação em conhecimento com pertinência ética, política e social, uma vez que, para intervir, é preciso compreender a complexidade da sociedade global. Devemos trabalhar metodologias ativas, projetos que proporcionem a participação criativa e crítica do aluno como sujeito da construção da aprendizagem. É preciso articular ensino e pesquisa. “Numa sociedade posta hoje sob o primado de saberes que de contínuo se superam e reconstruem não é mais possível pensar o ensino como mero repasse de conhecimentos depositados numa tradição cultural” (MARQUES, 2000, p. 132).

As aprendizagens na sociedade emergente terão que se desenvolver de forma mais ativa, responsável e experienciada ou experiencial, as quais façam apelo a atitudes autônomas, dialogantes e colaborativas, em uma dinâmica de investigação, de descoberta e de construção de saberes, alicerçada em projetos de reflexão e pesquisa, baseada em uma ideia de cultura transversal e interdisciplinar que venha ao encontro da interseção dos saberes, dos

conhecimentos, da ação e da vida, ou seja, alicerçadas na práxis da ação e reflexão.

Nós postulamos o ensino como pesquisa desde a educação infantil. Entendemos que pesquisar é pensar, refletir sobre determinadas realidades. Pensar é libertação individual e coletiva. É a possibilidade, pensando sobre nossa realidade, de elaborar um conhecimento próprio. O ensinar pesquisando representa uma significativa tarefa para o professor e para o aluno. O estudante, com o ensinar pesquisando, deve aprender a pensar e não somente repetir conteúdos. (TRIVINOS, 2003, p. 12).

É preciso estimular o estudante para que ele desenvolva a consciência da necessidade de se atualizar frente a um mundo em que as mudanças são cada vez mais rápidas e profundas. Esse desafio pode ser resumido na máxima: aprender a aprender. O aprender a aprender pode recuperar toda a tradição emancipatória construtivista que sempre depositou no educando a ênfase central na elaboração e reconstrução do conhecimento. O educador aprendedor é aquele que, levado pelo gosto de aprender, desenvolveu a habilidade de aprender e de transformar a informação em conhecimento pertinente. “O educador aprendedor pode ajudar os outros a desenvolver suas próprias técnicas, perícias e eficácias em aprender, enquanto todos aprendem juntos” (PÉRISSÉ, 2004, p. 15).

Nessa lógica, o professor não é mais o detentor, por excelência, do saber, mas quem organiza, motiva e qualifica os espaços/tempo de aprendizagem. O próprio professor é um “sabedor-ignorante”, um ser em permanente processo de aprender para ensinar. O mestre tem consciência de sua ignorância e, por isso, lança-se na busca morosa pelo saber mais. “A condição para este constante aperfeiçoamento do educador não é somente a sensibilidade aos estímulos intelectuais, mas, sobretudo a consciência de sua natureza inconclusa” (PINTO, 2000, p. 113). Nessa perspectiva, é imprescindível ter presente a intuição potente de Freire (1999, p. 50): “todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso, aprendemos sempre”.

A partir desse novo paradigma da cultura escolar alicerçada na pesquisa, ensinar não é transferir, entregar, despejar saberes ou conhecimentos prontos como se o educando não tivesse uma bagagem histórica e cultural construída por meio das suas vivências, mas criar, provocar, despertar o desejo, o interesse, a curiosidade da busca, da pesquisa, da construção e reconstrução na perspectiva da autonomia investigativa.

Professor não é quem dá aula, mas quem sabe fazer o aluno aprender. Metodologias básicas da aprendizagem parecem ser pesquisa e elaboração própria, não processos instrucionais de treinamento. Professor como profissional da aprendizagem, não do ensino, pode significar guinada na

teoria e na prática da educação. (DEMO, 2000, p. 58).

A sala de aula não é mais auditório – espaço de silêncio dos educandos, que estão ali apenas para receber o conhecimento transferido pelo professor, sujeito que tudo sabe, enquanto eles, os estudantes, nada sabem – mas sim oficina, laboratório de criação e de recriação dos saberes. O aprender visa, na sua essência, aprender a aprender, fazendo do educando um membro ativo no processo de aprendizagem movido pela curiosidade e vontade de desbravar o mundo, sendo mediados pelos educadores, que são sujeitos desse novo processo de construção de novos saberes. “O aluno que apenas ouve, copia, repete, reproduz, faz prova e cola, não abandona a condição de objeto de domesticação. Precisa ser instigado, provocado, desafiado a contribuir, a desenvolver capacidade de raciocínio, de posicionamento” (DEMO, 1995, p. 104).

O educando não frequenta a escola apenas para aprender a decorar, mas para desenvolver a capacidade de construir a atitude de pesquisa e de elaboração da própria realidade. O saber pensar e o aprender a aprender deixam de ser fatores apenas técnicos, para expressarem a competência humana como tal, sendo essa de fundo político eminente e com finalidade e intencionalidade, já que tratam da formação do sujeito, que é capaz de pensar, refletir e mudar a sua própria história e se tornar agente de transformação no meio em que vive. Sobretudo, só conseguimos aprender bem quando estamos, por inteiro, engajados no processo, como sujeitos comprometidos e autônomos. “Nas condições de verdadeira aprendizagem os educandos vão se transformando em reais sujeitos da produção e da reconstrução do saber ensinado, ao lado do educador, igualmente sujeito do processo” (FREIRE, 1996, p. 29)

Para garantir a aprendizagem qualitativa dos educandos, é de suma importância avaliar, permanentemente, o processo pedagógico como um todo, porque, se o fenômeno da aprendizagem dos educandos – que depende, em grande parte, da arte/habilidade dos educadores – não ocorrer na qualidade esperada e planejada, nada ocorreu de importante na escola, mesmo que funcione gerencialmente bem e tenha todos os instrumentos didáticos, inclusive computadores e internet. Os educadores são o fulcro central na busca de efetivação de uma cultura da educação permanente, dialógica e integral,

porque os alunos somente aprendem bem, se o professor for exemplo vivo deste tipo de aprendizagem; por certo, a educação permanente significa ampliação notável dos campos profissional do professor, mas haverá cobrança cada vez maior no sentido de que se trate efetivamente de educação e não de ofertas duvidosas, sobretudo de ofertas pobres para os pobres; o

educador profissional será sobretudo o especialista em educação permanente, no duplo sentido: alguém que vive estudando no ritmo da própria vida e alguém dedicado a oferecer chance aos outros que disto também precisam. (DEMO, 2000, p. 163-164).

Nesse movimento para despertar o desejo pelo aprender, o entrelaçamento da razão, da emoção e do lúdico é de suma importância. Esse processo precisa ser ressignificado para os educandos, de modo que as escolas passem a ser um lugar de construção não apenas de conhecimentos, mas de vivências. A escola deve ser um espaço/tempo de alegria, prazer, ternura e amorosidade. Segundo Paulo Freire, a escola é feita de gente, não apenas tijolo, reboco, classes e cadeiras. Existe um nexos profundo entre a dinâmica do aprender e a sensação de prazer/alegria.

O espírito humano se abre ao mundo. A abertura ao mundo revela-se pela curiosidade, pelo questionamento, pela exploração, pela investigação, pela paixão de conhecer. Manifesta-se pela estética, pela emoção, pela sensibilidade, pelo encantamento diante do nascer e do pôr-do-sol, da lua, da avalanche das ondas, das nuvens, das montanhas, dos abismos, da beleza dos enfeites naturais dos animais, do canto dos pássaros; e essas emoções estimularão a cantar, desenhar, pintar. Incita a todos os começos. (MORIN, 2002, p. 40).

O objetivo da educação é criar a experiência do amor e da paixão de aprender. Com certeza, a escola não pode se reduzir ao momento lúdico, mas não será atrativa e, sobretudo, efetiva, se a aprendizagem não o envolver. Nisso, inclui-se a maneira própria como as novas gerações definem a felicidade. “Ensinar e aprender não pode dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria. A prática educativa é afetividade, alegria, capacidade científica, domínio técnico a serviço da mudança” (FREIRE, 1996, p. 160-161). Precisamos de escolas em que nossas crianças, adolescentes e jovens possam aprender com alegria e curiosidade, bem como que sejam onde se mantenha viva a sede pelo conhecimento, a fome pelo saber e pela descoberta do novo. Outro aspecto essencial no ambiente escolar é o espaço para o diálogo amoroso entre todos os integrantes da comunidade escolar: educadores, educandos, gestores e famílias. As pessoas se humanizam a partir da palavra, das ações e reflexões. Escola silenciosa e autoritária é negação da vida e da pedagogia humanizadora. No silêncio, os alunos aprendem saberes fechados e competências úteis para o mundo do trabalho, para a dominação cultural e para a manutenção do *status quo*, mas não aprendem a ser humanos. Muitas vezes, em nossas escolas,

Os alunos são silenciados, pouco falam entre si. O percurso escolar é solitário, silencioso. É chocante entrar em uma escola onde convivem mais de mil crianças, adolescentes e adultos e encontrar um clima de profundo silêncio só perturbado pela repetida chamada: “menino cala a boca”, “menina silêncio”. Por vezes me atrevo a perguntar ao diretor ou à diretora se dispensou as aulas, diante desse silêncio sepulcral. “Faço questão, professor, de que em minha escola reine o silêncio e a ordem”. Bons candidatos para a direção de um cemitério, penso com tristeza. (ARROYO, 2000, p. 165).

O processo de aprendizagem nunca está acabado. É preciso desenvolver a ciência da necessidade de sabermos e aceitarmos o nosso inacabamento como mulheres e homens em um processo constante de construção, mediado pelo meio e por outras pessoas, processo esse que nos desafia a vida toda. “Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender. Não há docência sem discência” (FREIRE, 1996, p. 25). Ensinar inexistente sem o prazer e a alegria do ato de aprender. Na sociedade do conhecimento, só será capaz de exercer sua cidadania política e participar do mercado de trabalho quem estiver aprendendo intensamente por toda a vida. A educação permanente é a marca central da sociedade atual. É necessário lançar a educação permanente na rota mais global das utopias da sociedade, em particular, na busca do sujeito ético e político, tendo em vista a capacidade de intervir na história de maneira consciente e com autonomia. É preciso saber reconstruir conhecimento para dar-lhe sentido ético. A educação permanente, ao lado da educação básica, seriam os pilares centrais da política social do conhecimento, porque poderiam representar a luta contra a violência, a exclusão social e, ao mesmo tempo, a busca de humanização das relações humanas neste tempo de barbárie.

A educação primária pode ser considerada bem-sucedida se conseguir transmitir, às pessoas, o impulso e as bases que façam com que continuem a aprender ao longo de toda a vida.

Não basta, de fato, que cada um acumule no começo da vida uma determinada quantidade de conhecimentos de que possa abastecer-se indefinidamente. É, antes, necessário estar à altura de aproveitar e explorar, do começo ao fim da vida, todas as ocasiões de atualizar, aprofundar e enriquecer estes primeiros conhecimentos, e de se adaptar a um mundo em mudança. (DELORS, 2000, p. 89).

Precisamos fazer da escola uma organização aprendente. Essa cultura aprendente deve se espalhar por toda a sociedade, sendo assimilada pelos sujeitos em seus espaços de trabalho e atuação social. “Com a expressão sociedade aprendente pretende-se inculcar que a

sociedade inteira deve entrar em estado de aprendizagem e transformar-se numa imensa rede de ecologias cognitivas” (ASSMANN, 1998, p. 19). Nesse contexto de aprendizagens permanentes, os analfabetos de amanhã não serão os que não sabem ler, mas, sim, os que não tiverem desenvolvido a habilidade de aprender a aprender. O pior analfabetismo é a falta de curiosidade em aprender. A alfabetização instrumental deve estar a serviço da alfabetização vital, isto é, da experiência prazerosa de poder aprender e estar aprendendo ao longo da vida, e de não ter vergonha de ser um eterno aprendiz. Por isso, a atividade escolar, em todos os seus aspectos, deveria visar experiências de aprendizagens.

Hoje a educação não deve mais ser entendida como transmissão de conhecimentos e saberes prontos. A educação, aliás, nunca foi boa quando foi apenas instrução, transmissão de saberes. Educar significa criar experiências de aprendizagem e não transmitir coisas prontas, saberes já supostamente definidos. Ninguém aprende se não cria junto com aquele que ensina o conhecimento. Aprender significa construir experiências de aprendizagem. As mudanças mais profundas que eu vejo que estão acontecendo hoje na educação têm a ver com este novo conceito de aprendizagem que efetivamente muitas escolas ainda não têm. Muitas escolas continuam pensando que ensinar é transmitir saberes pronto. O fruto da escola deve ser aprender a aprender, aprender a acessar forma de aprender. Aprender a fazer experiências de aprendizagem. Aliás, hoje é impensável que a escola dê conta de repassar (mesmo que já estivessem disponíveis) todos os conhecimentos que os/as alunos/as precisarão em suas vidas. (ASSMANN, 2000, p. 293).

A educação deve, e pode, ser uma ferramenta de transformação e inclusão. Nela, o educador precisa romper com o modelo bancário (FREIRE, 1983) e buscar uma educação que possibilite uma experiência dialógica aos educandos, que respeite os conhecimentos construídos por meio das relações culturais e que forme, assim, o educando de forma integral, em busca de seu protagonismo. Nesse processo, tanto educadores como educandos aprendem o prazer no ato de aprender a aprender.

Aprender pela pesquisa: o grande desafio para a educação no século 21

A educação no século 21 deve focar na busca da autonomia investigativa, elaboração própria, capacidade hermenêutica para interpretar os acontecimentos, pensamento crítico, trabalho colaborativo e criatividade para enfrentar um tempo de mudanças rápidas e profundas que impactam a vida cotidiana, em especial o mundo e as relações de trabalho. Exige-se uma educação para o pensamento crítico, criativo e para a intervenção política/ética na sociedade e nas relações culturais, porque o ser humano, quando compreende as coisas e a

realidade ao seu redor, não só as decifra, mas, sobretudo, tem a possibilidade de participar delas, visando à transformação.

Não podemos reduzir a educação à preparação para o mundo do trabalho e ao simples exercício mecânico de ler e decifrar códigos. A sociedade global, com sua complexidade, exige uma educação que ultrapasse a lógica disciplinar e a domesticação dos corpos e das mentes. De acordo com Morin (2001), a inteligência que só sabe separar fragmenta o complexo do mundo em pedaços separados, fraciona os problemas e atrofia as possibilidades de compreensão e de reflexão, eliminando, assim, as oportunidades de um julgamento corretivo ou de uma visão em longo prazo. Sua insuficiência para tratar nossos problemas mais graves constitui um dos maiores desafios, de modo que, quanto mais eles se tornam multidimensionais, maior a incapacidade de pensar sua multidimensionalidade; quanto mais a crise progride, mais progride a incapacidade de pensar a crise; quanto mais planetários se tornam os problemas, mais impensáveis eles se tornam. Uma inteligência incapaz de perceber o contexto e o complexo planetário fica cega, inconsciente, irresponsável e não consegue, sequer, perceber e entender o momento histórico em que estamos vivendo.

Os desenvolvimentos disciplinares das ciências não só trouxeram as vantagens da divisão do trabalho, mas também os inconvenientes da hiperespecialização, do confinamento e do despedaçamento do saber. Não só produziram o conhecimento e a elucidação, mas também a ignorância e a cegueira. Na escola primária nos ensinam a isolar objetos, a separar as disciplinas, a dissociar os problemas em vez de reunir e integrar. O conhecimento pertinente é o que é capaz de situar qualquer informação em seu contexto e, se possível, no conjunto em que está inscrita. Podemos dizer até que o conhecimento progride não tanto por sofisticação, formalização e abstração, mas, principalmente, pela capacidade de contextualizar e englobar. (MORIN, 2001, p. 15).

A questão-chave é saber pensar, inovar e manter-se curioso e aberto à aprendizagem sempre renovada, bem como trabalhar a autonomia pela pesquisa permanente. No processo educativo, o mais importante é saber pensar. Aprender é, antes de tudo, repelir a reprodução mecânica. Aprender é uma aventura criadora, é construir, reconstruir, constatar para mudar e, nesse sentido, é sempre fenômeno, reconstrutivo e político. O esforço reconstrutivo se torna decisivo sob a presença maiêutica do professor.

O professor certamente não faz milagres, mas é a peça central da aprendizagem, precisa saber aprender mais que ninguém. Diante de professor que aprende bem, estuda dedicadamente, o aluno tem pelo menos exemplo edificante do que é aprender. Em contrapartida, diante de professores que apenas reproduzem aulas, dificilmente o aluno chega à ideia

de que educação tem como objetivo fundamental gerar a autonomia...
Elaboração própria é a base da aprendizagem ativa, através da qual o aluno tenta, sob orientação do professor, fazer-se autor, ter ideias próprias, argumentar com autonomia, entrar em polêmicas com capacidade de argumentar, propor projetos próprios. (DEMO, 2000, p. 95).

Há ligação direta entre saber pensar e saber aprender, visto que revela o sentido da conquista da autonomia dentro de um processo de inovação crítica e criativa, por meio da pesquisa mobilizada pela curiosidade e mediada pela relação entre educadores e educandos. Para que isso se realize, é imprescindível trabalhar a ideia de educação continuada.

Hoje em dia, ninguém pode pensar adquirir, na juventude, uma bagagem inicial de conhecimentos que lhe baste para toda a vida, porque a evolução rápida do mundo exige uma mobilização contínua dos saberes, mesmo que a educação inicial dos jovens tende a prolongar-se. As possibilidades de aprender oferecidas pela sociedade exterior à escola multiplicam-se, em todos os domínios, enquanto a noção de qualificação é substituída pelas noções de competência evolutiva e capacidade de adaptação. (DELORS, 2000, p. 103).

É preciso aprender que, ao longo de toda a vida, alguns saberes penetram e enriquecem os outros, criando, com isso, o surgimento de novos saberes. Educação, ao longo de toda a vida, é o imperativo para gerar a cidadania ativa no século 21, bem como uma exigência do mundo do trabalho cada vez mais flexível e em constante mudança. A partir deste cenário de formação permanente como condição para se manter no mundo do trabalho, o modelo de educação bem-sucedida é aquele que desperta o desejo de continuar a aprender ao longo de toda a vida. É o modelo de educação continuada, principalmente, aos educadores que irão trabalhar com essa realidade mutável. O conhecimento se tornou e tem de ser um bem comum, e a aprendizagem ao longo da vida é um direito e uma necessidade. O pensamento, a compreensão e a disposição para atualizar os conhecimentos são os grandes fatores de desenvolvimento pessoal, social, institucional, nacional e internacional.

Numa sociedade que aprende e se desenvolve, ser aluno é ser aprendente; é aprender a ser aprendente ao longo da vida. A aprendizagem é um modo de gradualmente se ir compreendendo melhor o mundo em que vivemos e de sabermos melhor utilizar os nossos recursos para nele agirmos. (ALARCÃO, 2005, p. 26 e 27).

E o que torna possível a educação continuada é a curiosidade em aprender. No começo de toda busca pelo conhecimento, está a curiosidade. Todos os seres humanos nascem com o

desejo de aprender, pois somos curiosos por natureza. Por isso, os ambientes escolares não podem assassinar a curiosidade, mas, ao contrário, devem criar metodologias que a estimulem sempre e instiguem o prazer de pensar, pesquisar, criar e elaborar opiniões. Com a perda da curiosidade, pouco a pouco, também se perdem as demais qualidades humanas, como solidariedade e empatia. A partir da curiosidade, o ato de aprender se converte em alegria, amor, paixão e prazer pela descoberta do novo mundo e do novo sujeito que surge com a superação das relações de poder e dominação. “Sem a curiosidade que me move, que me inquieta, que me insere na busca, não aprendo nem ensino” (FREIRE, 1996, p. 95). A regra de ouro da educação é não matar a curiosidade das crianças, adolescentes e jovens. É dever ético do professor estimular e incentivar a curiosidade epistemológica. Segundo Freire, não haveria criatividade, inovação, descoberta ou pesquisa sem a curiosidade que nos move e que nos põe impacientes diante do mundo. A construção ou produção do conhecimento implica o exercício da curiosidade. “Um dos saberes fundamentais à minha prática educativa é o que me adverte da necessária promoção da curiosidade espontânea para a curiosidade epistemológica” (FREIRE, 1996, p. 99).

Quem deseja defender seu lugar de trabalho deve melhorar sua competência, isto é, deve continuar aprendendo ao longo da sua vida. Aprender de forma independente e por conta própria se tornou, hoje, um componente fundamental da experiência de aprendizagem. Portanto, é essencial se manter curioso e com a consciência de que a cidadania política e a participação do mundo do trabalho se condicionam a essa abertura para novos aprendizados.

Aprender com curiosidade a aprender – é o despertar do prazer de conhecer, de compreender, descobrir, construir e reconstruir o conhecimento, ter curiosidade. É habilidade a ser desenvolvida sempre, ao longo de toda a vida, a fim de compreender o mundo, a sociedade, o movimento de ideias; é a busca do conhecimento, onde ele se encontra, principalmente hoje com toda a tecnologia disponível. (ASSMANN, 2004, p. 39).

A curiosidade não é apenas um incentivo para aprender: é, também, algo a ser aprendido, estimulado e cultivado. Desde pequenos, precisamos compreender que, muitas vezes, mais importante que termos a resposta, é fazermos a pergunta, e que, entre o ponto de partida e o de chegada, há um caminho a ser percorrido. Além disso, durante o percurso, há um processo de crescimento e aprendizado. Na busca de uma compreensão mais profunda da relação entre curiosidade, educação e conhecimento, seguimos algumas pistas de Assmann (2004, p. 26):

A curiosidade é um comportamento lúdico, provavelmente um impulso inato, que busca explorar o novo e o desconhecido. Na maioria dos animais que têm esse instinto, ele desaparece com a maturidade sexual. Nos seres humanos ele continua vida afora. A curiosidade representa a base da disposição para aprender, da busca do conhecimento. É, portanto, uma dimensão marcante da inteligência. Existem muitas pessoas que conseguem preservar uma curiosidade positiva ao longo de toda a vida.

Essa consciência de nos perceber sujeitos no mundo, com o mundo e para os outros é fundamental para a constituição de sujeitos determinados, mas não condicionados (FREIRE, 2013). Da mesma forma, também nos permite perceber que somos seres inacabados (FREIRE, 1996), inconclusos e que, enquanto há vida, há aprendizado e há possibilidades de ler e reler, não somente as palavras, mas o mundo. Portanto, precisamos manter, ao decorrer dos anos, a curiosidade e a vontade de aprender presentes nas crianças, que acabam sendo silenciadas e inibidas por um sistema de educação no qual somente o professor aparenta saber e o aluno está ali como depositário, apto a receber os saberes que o primeiro julgar necessário. Uma educação integral, dialógica e contínua se faz necessária neste momento em que as coisas mudam em uma velocidade assustadora, mas, acima de tudo, é extremamente importante respeitar as heranças culturais dos educandos e as relações com as famílias e o meio em que esses vivem.

Considerações finais

Partimos da convicção de que a pesquisa é a alma da vida escolar e, por isso, deve fazer parte do seu tempo/espço cotidiano. A pesquisa na educação básica deve ser uma atitude inerente ao ato de educar e deve se dar, em especial, na relação educando-educador. A pesquisa é, sem dúvidas, o princípio educativo mais eficaz para desenvolver pessoas curiosas na busca pelo desconhecido. Ela funda o ensino em pilares consistentes e evita que o ensino seja simples repasse de saberes prontos.

Pesquisar aponta a direção correta da aprendizagem, com autonomia, protagonismo e prazer, formando, com isso, mulheres e homens capazes de romper com a relação de dominação cultural e ver, de fato, a educação como um instrumento de transformação. “Pesquisa significa diálogo crítico e criativo com a realidade, culminando na elaboração própria e na capacidade de intervenção. Pesquisar é atitude de aprender a aprender” (DEMO, 1995, p. 128)

Portanto, é essencial ensinar pela pesquisa, ou seja, superar a mera aprendizagem bancária e, sempre que possível, romper as correntes invisíveis que aprisionam a curiosidade e a autonomia, buscando romper com essas relações e propor um novo modelo de sujeito crítico e capaz de libertar a si e a quem o rodeia. No fundo, só aprende quem aprender a pesquisar e adquirir paixão e amor. A alegria pela descoberta do novo e a cultura da pesquisa devem fazer parte do cotidiano da vida escolar. Se a educação escolar tem, como proposta político-pedagógica, a emancipação dos educandos, compete a ela desenvolver a atitude da pesquisa e da reconstrução do conhecimento. “Pesquisa também é princípio educativo e, na correlação entre educação e cidadania, baseia-se a formação crítica, a capacidade de tomar iniciativas, habilidade criativa e organizativa” (AROUCA, 2001, p. 87).

Investir em experiências pedagógicas inovadoras que priorizem projetos de pesquisa pode ser um instrumento alternativo para qualificar o processo educativo. Quem ensina (todos os humanos são, de certo modo, educadores e aprendizes) e, também, quem aprende, precisa ter consciência de que sempre é possível aprimorar o que sabemos e descobrir algo que ainda não se sabe, por meio da pesquisa e da busca curiosa pelo novo.

Não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a novidade. Faz parte da natureza da prática docente a indagação, a busca, a pesquisa. O que se precisa é que, em sua formação permanente, o professor se perceba e se assuma professor, como pesquisador. (FREIRE, 1996, p. 32).

A tarefa do professor pesquisador é estimular, organizar projetos de pesquisa e auxiliar os educandos na sua execução, porque só aprendemos a pesquisar se pesquisamos. O segredo de uma educação de qualidade é formar o educando aprendiz e pesquisador, fazendo a travessia do paradigma da reprodução para o paradigma da pesquisa e da elaboração própria. Educar e aprender pela pesquisa são as traduções mais exatas do saber pensar e do aprender a aprender com autonomia, preservando o princípio da curiosidade. É cada vez mais importante planejar um currículo vocacionado para o ensinar e aprender a partir do desenvolvimento de projetos de pesquisa centrados no educando. Compete o papel de mediador ao educador, enquanto o educando é o agente principal da aprendizagem. A escola do futuro precisa trabalhar com projetos e metodologias ativas direcionadas para a construção do conhecimento por parte dos educandos.

Neste contexto, o educador é um mediador de aprendizagens de novos conhecimentos, diante de um educando que é o sujeito de sua própria formação, sendo mobilizado pela

curiosidade de novos conhecimentos. Educação precisa ser um processo permanente de descoberta e pesquisa. Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar possibilidades para a sua produção, visto que a razão de ser do processo educativo é motivar e estimular a prática da pesquisa. O coração e alma da escola é a prática cotidiana da pesquisa, e não a simples transmissão de conteúdos prontos. Desse modo, forma-se o educando aprendiz e pesquisador com paixão pela descoberta do novo. O momento histórico em que estamos vivendo e a evolução tecnológica não nos permitem mais pensar em uma educação que não seja contínua, integral, dialógica e baseada na dualidade do sujeito educando/educador. Precisamos e devemos pensar em uma escola e em uma educação que priorize a curiosidade e o ato do aprender a aprender, além de, principalmente, ser uma educação que acompanhe os avanços tecnológicos sem abandonar a formação humana de mulheres e homens capazes de agir com autonomia e protagonismo na busca de transformação do meio em que vivem.

Referências

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez, 2005.

ALARCÃO, I. **Escola reflexiva e nova racionalidade**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

AROUCA, L. S. Relação ensino-pesquisa a formação do pesquisador em Educação. *In*: FAZENDA, I.; SEVERINO, A. J. (org.). **Conhecimento, pesquisa e educação**. Campinas: Papyrus, 2001. p. 81-89.

ARROYO, M. **Ofício de mestre: imagens e autoimagens**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

ASSMANN, H. **Reencantar a educação: rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1998.

ASSMANN, H.; SUNG, J. M. **Competência e sensibilidade: educar para a esperança**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

ASSMANN, H. **Curiosidade e prazer de aprender**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2004.

DELORS, J. **Educação: um tesouro a descobrir**. São Paulo: Cortez, 2000.

DEMO, P. **Desafios modernos da educação**. Petrópolis-RJ: Vozes, 1995.

DEMO, P. **Educação e conhecimento: relação necessária, insuficiente e controversa**. Petrópolis-RJ: Vozes, 2000.

DEMO, P. **Saber pensar**. São Paulo: Cortez, 2000.

FREIRE, P. **A importância do ato de ler**. São Paulo: Cortez, 1999.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**. 13. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

GADOTTI, M. Saber aprender: um olhar sobre Paulo Freire e as perspectivas atuais da educação. In: LINHARES, C.; TRINDADE, M. de N. (org.). **Compartilhando o mundo com Paulo Freire**. São Paulo: Cortez, 2003. p. 107-125.

MORIN, E. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

MORIN, E. **O método 5**: a humanidade da humanidade. Porto Alegre: Sulinas, 2002.

MARQUES, M. O. **Escrever é preciso**: o princípio da pesquisa. Ijuí: Editora Unijuí, 2000.

PÉRISSÉ, P. **O educador aprendedor**. São Paulo: Cortez, 2004.

PINTO, Á. V. **Sete lições sobre educação de adultos**. São Paulo: Cortez, 2000.

SAVATER, F. **A aventura do pensamento**: um passeio pela história da filosofia e pelos grandes nomes do pensamento ocidental. Porto Alegre: L&PM, 2015.

TRIVINOS, A. N. S. **A formação do educador como pesquisador no Mercosul/Cone Sul**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2003.

Submetido em 13 de junho de 2022.

Aprovado em 4 de novembro de 2022.